

No "aquário" da bolsa, predominaram o silêncio e o desejo de anonimato

por José Fucs
de São Paulo

O "aquário" localizado no mezanino da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), de onde, normalmente, o público pode observar os pregões, foi tomado, ontem, por cerca de cinquenta silenciosos executivos de empresas, bancos e corretoras não envolvidos diretamente no leilão, embora não estivesse totalmente lotado.

Essas pessoas acompanharam atentamente cada lance da concorrência, muitas delas anotando especificamente o volume de investidores interessados na conversão e o volume de recursos destinados pelos investidores a cada mudança do deságio.

Discretamente, esses observadores evitavam as conversas com os vizinhos desconhecidos e as poucas palavras trocadas no "aquário" da Bovespa eram, na maior parte das vezes, sussurradas.

O silêncio do "aquário" (um espaço acima do lugar onde se dá os pregões, cercado de vidros — daí o nome — só foi interrompido uma única vez, quando os observadores se agitaram diante da atitude da corretora FNC, do Citicorp, que diminuiu a oferta de recursos para conversão no final do leilão das chamadas "áreas livres", o primeiro a ser realizado.

ANONIMATO

Diante da presença do repórter, identificado por um chamativo crachá, a maioria das pessoas espelhava o receio de ser abordada. Se dependesse delas, seria melhor o anonimato, isto é, que ninguém soubesse que estavam lá. Por essa razão, não foram poucas as que pediram para não ser identificadas e evitaram até mesmo informar a organização à qual pertenciam, embora não se furtassem a tecer comentários sobre o desenvolvimento do leilão.

Um dos presentes ao "aquário" — dizendo "trabalhar para um banco americano" — afirmou que sua instituição, nesse leilão, estava captando mais recursos para os fundos de conversão em ações do que no primeiro, realizado há cerca de um mês no Rio.

Outro dos observadores presentes, Luiz Fraga, gerente de operações de uma multinacional do setor de equipamentos industriais, explicou que havia comparecido ao leilão para medir até qual deságio é interessante para a matriz fazer investimentos em sua filial brasileira pelo processo de conversão.

Ele afirmou que a matriz de sua empresa já havia adquirido no mercado secundário títulos da dívida externa brasileira no valor de US\$ 1 milhão para serem convertidos em investimentos no País. Disse, porém, que, de acordo com o deságio, a conversão poderia não compensar, devido à necessidade de permanência dos recursos no País por doze anos, antes de serem repatriados.

MULHERES

Perdidas no meio da plateia do "aquário", composta quase que exclusivamente de homens, quatro ou cinco mulheres seguiam os lances do leilão. "É interessante, eles (os homens) se assustam em ver uma mulher falar de conversão e discutir lotes", contou Germana Gama Alves, analista de mercado da Macroinvest, que foi acompanhar o leilão.

Ela informou que a Macroinvest está realizando um trabalho didático junto a empresas interessadas no processo de conversão e que vem recebendo cerca de cinco telefonemas de consulta por dia. Segundo Germana, essas consultas são, normalmente, de empresas com dívidas no exterior que vêem na conversão uma forma de saldá-las.